

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A Queda das Ditaduras e a Emergência dos Cinemas Novos na Grécia e em Espanha
20 e 27 de abril de 2026

LOS SANTOS INOCENTES / 1984

Um filme de Mario Camus

Realização: Mario Camus / *Guião:* Antonio Larreta, Manuel Matji e Mario Camus, baseado no romance homónimo de Miguel Delibes / *Director de Fotografia* (cor): Hans Burmann / *Cenários:* Rafael Palmera / *Figurinos:* Leon Revuelta / *Música:* Antón García Abril / *Montagem:* José Maria Biurrun / *Som:* Carlos Faruelo (gravação), Luis Castro (efeitos sonoros) / *Interpretação:* Alfredo Landa (*Paco*), Terele Pávez (*Régula*), Francisco Rabal (*Azarías*), Agustín González (*Don Pedro*), Juan Diego (*Iván*), Belén Ballesteros (*Nieves*), Juan Sánchez (*Quirce*), Susana Sánchez (*"La Pequeña"*), Ágata Lys (*Purita*), Mary Carillo (*a Marquesa*), Maribel Martín (*Miriam*), Manuel Zarzo (*o médico*).
Produção: Ganesh Producciones Cinematográficas e T.V.E. (Madrid) / *Cópia:* Digital, versão original, legendada eletronicamente em português / *Duração:* 113 minutos / *Estreia Mundial:* Festival de Cannes (Competição Oficial), Maio de 1984 / Inédito comercialmente em Portugal.

Décimo-sétimo filme de Mario Camus, realizado pouco antes da irrupção no panorama internacional do "fenómeno" Pedro Almodóvar, que alteraria radicalmente a imagem do cinema espanhol dentro e fora do país, **Los Santos Inocentes** é um belo e sólido exemplo de um cinema a que poderíamos chamar neo-clássico, tanto a nível da sua realização quanto das mitologias que espelha: é adaptado de um romance; mostra a imagem de uma Espanha arcaica (embora a acção tenha lugar nos anos 60), agrária, "cruel", que praticamente desapareceria do cinema a partir dos anos 80; ostenta um sólido estilo que se filia ao cinema clássico e mesmo ao cinema americano clássico, embora sem nunca imitar o que este tem de exterior.

Um dos mais claros indícios da inteligência com que Camus abordou o seu trabalho foi a relação que teve com o livro que serviu de ponto de partida ao filme. Camus leu-o assim que foi publicado, em 1981 e viu de imediato um filme neste texto, porém como declarou sucintamente depois do filme estar pronto: "*eu não me limito a «fazer adaptações literárias», há mil maneiras de traduzir um texto no cinema...*". Ao escrever o guião, ele e os seus colaboradores trataram de concentrar os acontecimentos, que no livro "*estão muito atomizados, pois são narrados pequenos acontecimentos num período muito longo de tempo, um pouco à maneira de Muriel, de Resnais*". Além disso, Camus alterou o desenlace do romance, que "*não conta nunca o que sucedeu a esta família, ao passo que o filme busca uma saída*". Isto explica muito bem o que quis dizer o cineasta ao afirmar que não fazia "adaptações literárias", ou seja transposições simplórias, decalcomanias de textos célebres que costumam resultar em filmes decorativos e inertes.

Camus dividiu o filme em "capítulos", porém adoptou uma cronologia não linear. E estas rupturas na linearidade agem como uma espécie de antítese à lentidão com que as coisas se passam, ao peso das imagens, duras e precisas, abolindo do filme a solenidade e o estatismo. O filme nasce de uma imagem imóvel, uma fotografia da família de protagonistas, cujo itinerário, individual e colectivo, vai desenrolar-se diante dos nossos olhos, como um contínuo, com pausas, pontuações e regressos. Embora Camus tenha evidentemente concebido um filme destinado a um público vasto e esteja longe das opções radicais de certos cineastas modernos (é por isto que o seu filme pode ser considerado *neo-clássico*) e embora alguns admiradores do filme lamentem que a imagem "*seja excessivamente limpa*" (é o que diz Yann Lardeau, nos *Cahiers du Cinéma*, vendo nesta falta de "*violência na maneira de filmar*" o senão que impede que este seja "*um grande filme*"), nada é decorativo

ou vazio nas imagens de **Los Santos Inocentes**. De facto, um filme "lento" deve conter, e geralmente contém, mais informações em cada plano do que um filme de acção, embora estas sejam menos óbvias. As imagens têm um peso e uma força que não muitos cineastas conseguem atingir. Neste filme, Mario Camus sabe o que é um plano, escolhe sempre o ângulo adequado para manifestar aquilo que quer: desenhar as rígidas relações hierárquicas que existem entre os protagonistas. Não há demagogia nem manipulação do espectador, tudo é extremamente seco e por isto mesmo eficaz. Neste sentido, o quase pleonástico título do filme é enganador: a família de protagonistas é vítima de um sistema de relações já interiorizado, aceite por todos como o único que existe (por quase todos, pois os dois filhos acabam por emigrar para a cidade). É perfeitamente lícito ver neste título uma crítica subjacente ao sentido religioso das palavras que o compõem. A sobriedade com que tanta injustiça é exposta, sem efeitos caricatos embora não sem humor (a marquesa acena da janela, como uma rainha aos seus súbditos e na mesma frase pede a um camponês notícias sobre os seus filhos e sobre os porcos), suscita uma sólida identificação por parte do espectador: basta lembrar, a nível anedótico, que quando o filme foi apresentado em Cannes, onde Rabal e Landa receberam *ex-aqueo* o prémio de melhor actor e onde as plateias costumam ser impacientes e frenéticas, uma salva de palmas saudou o enforcamento do "señorito" Ivan.

Yann Lardeau talvez tenha alguma razão: o filme seria ainda melhor se as imagens fossem mais duras, embora a austeridade possa ser uma forma de maneirismo. Mas se considerarmos **Los Santos Inocentes** tal como é e não como poderia ser, é facto que não há maneirismos fotográficos e à falta de maneirismo das imagens corresponde a intensa banda sonora, com um densíssimo tecido (ruídos de animais, do vento, de ferramentas, de talheres, silêncios), que não se limita ao naturalismo e funciona como um verdadeiro contraponto às imagens, povoando o que parece despovoado, dando informações e instalando uma atmosfera. E esta música dos ruídos tem um prolongamento na música propriamente dita, escassa e esparsa, com sons que são quase ruídos. E Camus não esquece a palavra, como observou com agudeza o crítico espanhol Antonio Weinrichter: *"é preciso assinalar o modo como o filme utiliza a linguagem que separa e distingue os camponeses dos «señoritos». Estes sabem falar e isto lhes dá um poder adicional: quando falam com os seus servos podem jogar com as palavras (...) para mantê-los no seu lugar, sem a necessidade de recorrer directamente a ordens desabridas. Os camponeses manifestam-se com frases feitas (sair desta convenção seria sair da sua posição **natural**), com inabilidade diante dos amos, entre eles com mero laconismo, e também com defeitos de linguagem (...). A música produz um efeito similar: a percussão e um instrumento pastoril de sopros reflectem a dureza e o carácter **desafinado** da linguagem dos camponeses"*.

Mais de quarenta anos depois de ter sido realizado e do cinema estar radicalmente diferente do que era, **Los Santos Inocentes** nada perdeu da sua força. É literalmente um filme memorável: que permanece na memória do espectador.

Antonio Rodrigues